

O EMPREGO NA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE ALIMENTOS: DISTRIBUIÇÃO REGIONAL E TAMANHO DAS EMPRESAS

Alex Leonardi¹
Paulo Dabdab Waquil²

RESUMO

Diante de um cenário que se inicia a partir dos processos de globalização e integração econômica, o Brasil se torna ator ainda mais importante no que diz respeito à produção e comercialização de alimentos. Com isso, a indústria de alimentos precisa ser analisada para identificar os fatores e elementos que apresentam efeitos sobre sua produção. Para essa análise, foi utilizado o emprego, indicador da atividade econômica, e como método se utilizou da análise descritiva de tabelas relativos ao período entre 2002 e 2011. Os principais resultados encontrados foram o crescimento significativo do emprego no período anterior a crise internacional. O crescimento maior do emprego ocorreu nas regiões Norte e Centro Oeste, indicando desconcentração regional.

Palavras-chave: Indústria de alimentos; Distribuição Regional; Tamanho das Empresas; Estrutura da indústria; Emprego.

THE EMPLOYMENT IN THE BRAZILIAN FOOD INDUSTRY: REGIONAL DISTRIBUTION AND SIZE OF COMPANIES

ABSTRACT

Given a scenario that starts from the processes of globalization and economic integration, Brazil becomes even more important actor regarding the production and marketing of food. So, the food industry needs to be analyzed to identify the factors and elements that impact its production. For this analysis, it was used the employment, indicator of economic activity, and as a method the descriptive analysis of tables for the period between 2002 and 2011. The main results were the significant employment growth in the period before the international crisis. The largest growth in employment occurred in the North and Midwest, indicating regional decentralization.

Keywords: Food industry; Regional Distribution; Size of Companies; Industry Structure; Employment.

JEL: R12, J20.

¹ Doutor em Agronegócios pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul –CEPAN/UFRGS. Professor Adjunto na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Campus Santo Antônio da Patrulha – RS. E-mail: alleo123@hotmail.com.

² Doutor em Economia Agrícola pela University of Wisconsin, Madison (EUA). Professor Titular do PPG em Agronegócios na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CEPAN/UFRGS, Porto Alegre - RS. E-mail: waquil@ufrgs.br.



1 INTRODUÇÃO

No final do século passado, com o processo de globalização e integração econômica e, principalmente, de abertura comercial se iniciou uma nova configuração das relações entre países e regiões, de mobilidade dos fatores produtivos e da própria produção de bens. Junto a isso, ocorreram redirecionamentos dos investimentos estrangeiros diretos, onde o Brasil, com suas vantagens ligadas aos recursos naturais, passa a ganhar maior destaque, tornando-se um dos destinos mais atraentes para esses investimentos, além de ser impulsionado pelo crescimento e desenvolvimento de países potencialmente demandantes do agronegócio.

Nesse cenário, se inicia uma crise econômica nos Estados Unidos em fins de 2008, no mercado imobiliário, levando à falência o banco de investimento Lehman Brothers e com a recusa da ajuda pelo *Federal Reserve* (Banco Central Americano). Como consequência houve redução da confiança dos mercados financeiros, resultando no aumento da preferência pela liquidez, e um processo de venda de ativos financeiros com redução significativa dos seus preços e contração do crédito para os setores produtivos.

Essa contração do crédito levou à queda da produção industrial e do comércio internacional, que se espalhou e resultou na desaceleração do crescimento econômico em grande parte dos países em 2009, ano em que o Brasil teve crescimento negativo do Produto Interno Bruto (PIB). Em 2010 surgiram sinais de recuperação do crescimento, quando o Brasil cresceu 7,5%, mas, em 2011, voltou a desacelerar a taxa de variação do PIB para 2,7%. Essa crise retornou com maior intensidade e mais uma vez, o crescimento econômico dos países desacelerou, ou seja, o período recente é caracterizado por uma recessão em que ocorreram pressões sobre o emprego no Brasil.

É, então, nesse contexto, que o Brasil necessita encontrar alternativas para alavancar o crescimento e manter uma situação de baixo desemprego e com distribuição de renda, além de ter que produzir de forma mais competitiva para disputar mercados. Essa entrada e busca por novos mercados, bem como a expansão dentro dos mercados em que o Brasil já está inserido, deve ocorrer

juntamente com um processo de agregação de valor às *commodities*, ou seja, através da transformação em produtos industrializados. Diante disso, a indústria de alimentos é o caminho mais curto para se alcançar esse objetivo.

O processo de industrialização e produção de alimentos também é uma alternativa para o crescimento no mercado interno, considerando os recentes ganhos de rendimentos das famílias de menor poder aquisitivo, que estiveram à margem do consumo até poucos anos, o que se transformaria em um círculo virtuoso, através do aumento da necessidade de trabalhadores para esse processo, gerando mais renda e mais consumidores potenciais para o agregado da economia.

Conforme dados da Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (ABIA) (2012), esse processo tem se acelerado no período entre 2002 e 2011, quando o faturamento da indústria de alimentos passou de R\$ 119,8 bilhões para R\$ 316,5 bilhões, o que representou um aumento de 164%, e as vendas do total da indústria de alimentos no mercado interno passaram de R\$ 104,4 bilhões em 2002 para R\$ 293,3 bilhões em 2011, ou seja, um crescimento de 181%. Já as exportações, incluindo bebidas, cresceram 315%, passando de US\$ 10,8 bilhões para US\$ 44,8 bilhões, no mesmo período.

Dessa forma, se faz necessária a análise dos fatores e elementos que alteram a atividade produtiva dessa indústria, de forma positiva ou negativa, ou ainda, que não interferem nesse processo. Das formas possíveis de se fazer essa análise, pode ser a partir da observação do comportamento da indústria alimentícia, através das alterações na estrutura em que está inserida. Entre os fatores e elementos estruturais, está a distribuição dessa indústria pelas regiões brasileiras, além do tamanho das empresas, pelas suas vulnerabilidades e capacidades de se adaptar às mudanças de cenário.

Então, tendo a indústria de alimentos como objeto a ser analisado, o emprego é o indicador da atividade econômica no qual é possível verificar as respostas aos impactos das mudanças e variações que se impõe ao setor, tanto pela sua estrutura como conjuntura macroeconômica. Além disso, é fundamental destacar o emprego não só como meio de medir a atividade da

indústria de alimentos, mas como objeto a ser observado e analisado dada sua importância no contexto da economia e na própria teoria econômica.

Devido ao ambiente político e econômico, nacional e internacional, mas levando em conta a disponibilidade da série de dados homogêneos, que contribuem de maneira fundamental para a correta utilização com base metodológica e ferramental, definiu-se o período entre 2002 e 2011.

A partir do contexto exposto, o objetivo que norteia a elaboração dessa pesquisa é identificar e analisar o comportamento do setor, em termos de tamanho de empresa e distribuição por grande região.

O trabalho está estruturado em cinco seções, sendo que na primeira são apresentados aspectos introdutórios, na segunda seção é apresentado uma revisão teórica, na terceira o método e os procedimentos utilizados, na quarta se descreve e analisa os resultados encontrados e, por fim, as conclusões e considerações da pesquisa.

2 REVISÃO TEÓRICA

Além dos efeitos das mudanças conjunturais da economia, outros fatores podem ser determinantes na variação do número de trabalhadores na indústria de alimentos no Brasil. A movimentação no mercado de trabalho é permanente. E, essa movimentação pode ocorrer de forma diferenciada, dependendo do tamanho das empresas e, também, da redistribuição ou do crescimento diferenciado dessas empresas nas diferentes regiões do país, dadas suas características.

Corseuil, Ribeiro e Santos (2006) afirmam que mudanças no emprego (criação, destruição e realocação), do ponto de vista microeconômico podem ser considerados como consequência de choques advindos da entrada de empresas, introdução de novos produtos, mudança de gosto dos consumidores, bem como da mudança no custo dos insumos, ou ainda adoção de novas técnicas e tecnologias produtivas, ou seja, mudanças no ambiente competitivo, externas e internas à empresa. Ainda, para os autores, as diferentes reações vêm das diferenças entre as empresas, muitas vezes não

observadas pelos pesquisadores, ainda que dentro de um mesmo setor ou para um mesmo tipo de empresa (tamanho e região), considerando que as unidades empresariais são diferentes em níveis de produtividade, em custo de insumos, tipos de produtos oferecidos, entre outros, sejam esses choques micro ou macroeconômicos.

Davis e Haltiwanger (1990) afirmam que existe relação entre o tamanho da empresa e a variação no emprego, a partir do argumento que as empresas maiores são mais sensíveis aos ciclos econômicos do que as empresas menores, ou seja, a redução no emprego é mais significativa. Partindo do ponto de vista macroeconômico, para esses autores, uma mudança cambial, por exemplo, possivelmente afetaria o emprego em empresas muito expostas financeiramente a dívidas em moeda estrangeira, mas poderia ser uma oportunidade de expansão para empresas que sofrem com a competição externa via exportação ou importação.

Ao analisar se “o tamanho do estabelecimento importa”, Amorim *et al.* (2006) fazem o resgate de alguns trabalhos que descrevem estudos empíricos realizados fora do Brasil, nos quais foram observados que grande parte dos empregos criados nos Estados Unidos e no Canadá advinha de pequenas firmas na década de 1980. No entanto, recentemente, alguns estudos têm criticado essa ênfase na capacidade de geração de empregos por parte das pequenas empresas. O motivo para isso, segundo esses autores, seria que as pequenas empresas pagam salários menores do que a média, têm vida curta e podem estar contribuindo para o aumento da desigualdade salarial nos Estados Unidos e sugerem que a participação das pequenas empresas na criação de empregos foi superestimada.

Amorim *et al.* (2006) afirmam que para o Brasil, alguns trabalhos tentaram abordar essa questão, utilizando bases de dados diferentes. Uma parte desses trabalhos argumenta que as pequenas empresas do setor industrial criam empregos de qualidade inferior e não se observa uma maior taxa de criação líquida, enquanto que outros concluem que as micro e as pequenas empresas foram as que mais geraram empregos no período 1995-1997. Com isso, pode-se dizer que não havia um consenso sobre a influência

do tamanho das empresas na variação do emprego, tanto na literatura brasileira, quanto internacional sobre esse tema.

Então, no trabalho de Amorim *et al.* (2006), realizado para a economia brasileira, no período entre 1991 e 2000, os resultados mostram que os estabelecimentos menores são aqueles com maiores taxas de criação e destruição, mas, também, maior criação líquida e realocação bruta de postos de trabalho. No mesmo estudo, ao analisar a variação líquida do emprego, os autores demonstram que a participação das micro e pequenas empresas respondem por mais de 85% da variação líquida total. Além disso, grande parte da criação e da destruição do emprego para essas empresas é devido à entrada e à saída de firmas na base, e a contribuição dessa entrada e da saída é inversamente proporcional ao tamanho médio do estabelecimento, de acordo com o que já foi observado em estudos semelhantes, sendo bastante intuitivo, visto que os custos de se abrir ou fechar um estabelecimento devem ser tanto maiores quanto maior for esse estabelecimento.

Entre as principais conclusões do estudo, Amorim *et al.* (2006) afirmam que no Brasil o mercado de trabalho parece ser um dos mais dinâmicos e heterogêneos do mundo, pois quase um terço dos empregos médios de um ano foi criado ou destruído, principalmente, devido à participação da entrada e da saída de empresas no mercado, registrando a importância desse movimento para a variação do emprego agregado na economia. Com relação ao tamanho, os autores afirmam que os dados sugerem que as micro e pequenas empresas foram responsáveis pelo crescimento líquido positivo do emprego na década de 1990, bem como, sugerem que as pequenas empresas são extremamente voláteis e com grandes taxas de saídas, o que implica grandes taxas de realocação de emprego para essas classes de tamanho. Como conclusões mais gerais, Amorim *et al.* (2006) afirmam que o tamanho do estabelecimento é a característica que mais diferencia a dinâmica do emprego nas empresas, influência que vem da maior similaridade do padrão de entrada e saída de estabelecimentos ao longo do tempo. Além disso, consideram que,

independentemente do setor, a política focada no tamanho das empresas e na entrada e saída podem ser mais eficientes do que as políticas setoriais.

Conforme Corseuil, Moura e Ramos (2011), que tiveram como intenção em seu trabalho contribuir para a investigação dos determinantes da aceleração no crescimento do emprego formal na última década, evidências apresentadas apontam para uma reversão na tendência do número médio de empregados por estabelecimento, em contraponto a uma tendência de crescimento constante no número de estabelecimentos. No entanto, conforme os autores, as investigações evidenciam que esse resultado não é derivado de mudanças na composição setorial que favoreça setores com maiores escalas de operação, nem um aprofundamento do processo de seleção que penaliza os pequenos estabelecimentos, mas apontam no sentido de que a seleção teria contribuído para a diminuição do tamanho médio, efeito que foi contrabalançado por um nível de emprego maior nas firmas mais novas. E, decompondo a evolução entre número e tamanho médio dos estabelecimentos, ficou claro que o tamanho é o principal responsável pela mudança de ritmo sob investigação, inclusive para recortes regionais.

No que diz respeito à localização industrial, Araújo (2002) atribui ao trabalho de 1929 de Alfred Weber a primeira teoria elaborada sobre o tema, e mesmo que Weber não tenha sido o primeiro autor a analisar o problema, tornou-se a principal referência para os desenvolvimentos posteriores, originando a chamada Teoria Clássica da Localização. Segundo o autor, assumindo a racionalidade econômica por parte dos agentes e se detendo na análise de três conjuntos de fatores para explicar as escolhas locacionais das firmas: os custos de transporte das matérias-primas e do produto final, os fatores relacionados com a mão-de-obra e os fatores aglomerativos e desaglomerativos.

Para Araújo (2002), além dos aspectos considerados na análise da mão-de-obra que dizem respeito a sua disponibilidade, custo e qualificação, Weber parte da localização de mínimo custo de transporte, considerando a possibilidade de desvios para locais que ofereçam mão-de-obra a custos baixos, levando em conta tanto sua eficiência quanto o nível salarial. Ou seja,

um local com baixo custo de mão-de-obra será escolhido se a economia oferecida superar o acréscimo nos custos de transporte, em relação à localização minimizadora dos custos de transporte. E, segundo o autor, o ganho de importância do processo de globalização econômica e dos investimentos diretos no exterior levaram para a ampliação do espaço geográfico nas escolhas locais.

No que diz respeito ao caso da indústria de alimentos, os argumentos teóricos sugerem que ela tende a apresentar características locais diferenciadas em relação a outros gêneros industriais. Já que, segundo o autor, comumente, os processos produtivos neste segmento apresentam perdas de peso significativas, além da perecibilidade das matérias-primas, sugerindo a predominância nestes setores de orientações para as fontes de matérias-primas (ARAÚJO, 2002). Outra constatação do mesmo estudo, diz respeito às hipóteses de que empresas de pequeno e médio porte, predominantes em alguns segmentos da indústria alimentar, indicam baixos níveis de racionalidade econômica e maior influência das preferências dos administradores nas escolhas locais, têm sido confirmadas por estudos empíricos.

Já, Oliveira e Proni (2007) analisaram os impactos da reestruturação produtiva sobre o nível de emprego e os salários nas grandes empresas industriais, além de verificar mudanças na distribuição regional do emprego e do perfil dos empregados. Os autores constataram que esse processo, baseado na redução do número de trabalhadores, chegou ao seu limite nas grandes empresas e um ambiente de maior aquecimento da demanda agregada, proporcionado pelo aumento acelerado das exportações, cria um novo dinamismo e perspectivas para o emprego industrial. E, o contrário dos anos 1990, a partir dos anos 2000 houve um aumento da quantidade dos grandes estabelecimentos na indústria acompanhado do aumento do seu tamanho médio.

Ainda, entre as conclusões do trabalho, Oliveira e Proni (2007), em termos da distribuição regional das grandes empresas, de 1989 a 2005 ocorreu

um movimento de desconcentração produtiva, no qual a região sudeste perdeu participação tanto em termos da quantidade de estabelecimentos de grande porte, quanto em termos de número de trabalhadores. E, a principal região beneficiada por esse movimento foi a Sul, aumentando de modo contínuo a sua participação relativa no total dos grandes estabelecimentos industriais, bem como dos trabalhadores. Enquanto que, segundo os autores, a região nordeste, na primeira metade dos anos 2000, reduziu a participação desses estabelecimentos ao ponto de anular o crescimento alcançado na década anterior. Em termos de trabalhadores em grandes empresas industriais contabilizou um crescimento ininterrupto entre 1989 e 2005, fato que indica grandes empresas mais intensivas em mão-de-obra comparativamente às demais regiões.

No que diz respeito à dinâmica do emprego e a relação com distribuição regional, Alves e Campregher (2008) elaboraram um estudo no qual um dos objetivos foi a análise do crescimento do emprego nacional em termos de dinâmica setorial, segmentada por estados da Federação, no período de 1995 a 2005, e observando o efeito líquido das induções estruturais e específicas em cada unidade da Federação. Verificaram, então, que apenas seis estados tiveram resultado negativo, dos quais São Paulo apresentou o pior desempenho (deixando de gerar cerca de um milhão de novos empregos no período analisado).

No mesmo estudo que analisa a criação, destruição e realocação do emprego por tamanho das empresas, Amorim *et al.* (2006) estudam e também observam diferenças significativas entre regiões, para o período entre 1996-2000. Eles afirmam que a Região Centro Oeste apresentou maior criação líquida no período e, ao comparar as regiões, apenas a Região Sudeste ficou abaixo da média nacional em relação à criação líquida de postos de trabalho.

Para Bacelar de Araújo (2010), a ação governamental foi elemento importante para o crescimento da atividade econômica, do emprego e da renda nas regiões Norte e Nordeste, sendo que esse era visto apenas por alguns "*clusters*" (fruticultura irrigada, agronegócio graneleiro, etc.). Mas com a inserção competitiva, nos anos recentes, a maioria dos seus segmentos

produtivos se dinamizou, fazendo a região ser revisitada por empreendedores nacionais e internacionais. A estratégia de atacar pelo lado da demanda, com políticas sociais, de reajuste real do salário mínimo e a de ampliação do crédito teve impacto positivo no Nordeste, que junto com o Norte, liderou as vendas no comércio varejista do país entre 2003 e 2009, atraindo investimentos para a região, entre os quais as indústrias alimentares, que expandiram sua presença ao mesmo tempo em que as pequenas e médias empresas locais ampliavam sua produção (BACELAR DE ARAÚJO, 2010).

Então, considerando essa revisão que traz algumas das relações entre o emprego e estrutura da indústria de alimentos, em termos de tamanho das empresas e distribuição regional tiveram como objetivo dar base para análise dos resultados a partir da metodologia descrita na próxima seção.

3 MÉTODO

Para esse estudo foi realizada uma pesquisa de caráter descritivo e explicativo, tendo como método o uso de referências teóricas para a discussão e aprofundamento do tema, bem como a análise de dados secundários.

Para alcançar os objetivos desse trabalho, inicialmente, a análise parte dos elementos discutidos no referencial teórico relacionado ao assunto, baseado em estudos e publicações disponíveis em bibliotecas, editoras e sites de busca e outras fontes. A coleta dos dados foi realizada através de sites especializados.

Os dados relativos ao emprego na indústria de alimentos foram identificados de acordo com classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conforme o Código de Atividade Econômica – CNAE/95 (instituída no ano de 1994), a qual possuía uma série mais longa e homogênea que a CNAE/1.0 (2002), e a CNAE/2.0 (2006). A indústria de alimentos faz parte da indústria de transformação, nessa classificação, e é subdividida conforme Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 - Nomes utilizados para as análises das indústrias de alimentos

INDÚSTRIA	NOME
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS (TOTAL)	ALIMENTOS
ABATE E PREPARAÇÃO DE PRODUTOS DE CARNE E DE PESCADO	CARNES
PROCESSAMENTO, PRESERVAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONSERVAS DE FRUTAS, LEGUMES E OUTROS VEGETAIS	CONSERVAS
PRODUÇÃO DE ÓLEOS E GORDURAS VEGETAIS E ANIMAIS	ÓLEOS
LATICÍNIOS	LATICÍNIOS
MOAGEM, FABRICAÇÃO DE PRODUTOS AMILÁCEOS E DE RAÇÕES BALANCEADAS PARA ANIMAIS	MOAGENS
FABRICAÇÃO E REFINO DE AÇÚCAR	AÇUCAR
TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ	CAFÉ
FABRICAÇÃO DE OUTROS PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	OUTROS

Fonte: TEM

Os dados sobre o emprego na indústria de alimentos do Brasil, ou seja, a variável a ser analisada nesse estudo, para o período entre 2002 e 2011, teve como fonte o Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (PDET), disponíveis no site: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/inicial.php> do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), de onde foram buscados os dados de estoque de emprego da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), que é um Registro Administrativo, de âmbito nacional, com periodicidade anual. Dos dados da RAIS, foram selecionados apenas os trabalhadores celetistas que são aqueles cuja relação de emprego é regida pela CLT.

Para a análise descritiva, da influência do tamanho das empresas sobre a variação do emprego na indústria de alimentos, e seus subgrupos, informações essas que também servem como caracterização da própria indústria, utilizou-se a mesma classificação para definir o tamanho das empresas na indústria, que o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e IBGE, conforme o número de empregados, da seguinte forma: a) Micro, com até 19 empregados; b) Pequena, de 20 a 99 empregados; c) Média, 100 a 499 empregados; e d) Grande, mais de 500 empregados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo descreve e analisa os resultados encontrados, a partir da metodologia utilizada e descrita no capítulo anterior, procurando alcançar os objetivos de identificar e analisar a relação entre o emprego na indústria de

alimentos ao tamanho das empresas e distribuição entre as grandes regiões do Brasil.

4.1 O emprego e a estrutura de produção da indústria de alimentos: por região brasileira

Nesta seção, o objetivo é analisar a estrutura da indústria de alimentos ao longo do período entre 2002 e 2011, no que diz respeito à relação do emprego com a variação da quantidade de empresas e empregos por região do Brasil.

Inicialmente, no Tabela 1, para o total da indústria de alimentos, são apresentadas as participações percentuais de cada região no total do emprego e de empresas de fabricação de produtos alimentícios no Brasil.

Tabela 1- Participação dos empregos e empresas no total da fabricação de produtos alimentícios, por regiões do Brasil, entre 2002 e 2011

FABRICAÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS												
Tipo	Região	Unidade	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Empregos	Centro-Oeste	%	9,41%	9,29%	6,61%	10,18%	10,24%	10,98%	10,75%	10,85%	10,61%	10,85%
	Sul		26,13%	26,39%	26,47%	26,43%	25,94%	26,25%	26,00%	25,62%	26,43%	26,51%
	Sudeste		39,11%	39,37%	40,88%	38,34%	39,65%	38,80%	39,03%	39,27%	39,41%	39,59%
	Nordeste		22,40%	22,01%	22,91%	21,87%	20,71%	20,37%	20,54%	20,67%	19,85%	19,62%
	Norte		2,96%	2,95%	3,13%	3,17%	3,47%	3,61%	3,68%	3,59%	3,70%	3,42%
	Brasil	Qtd.	887.090	940.300	1.024.426	1.108.614	1.229.888	1.339.164	1.372.067	1.426.226	1.400.855	1.453.407
Empresas	Centro-Oeste	%	8,48%	8,70%	8,82%	8,99%	8,94%	9,08%	9,25%	9,47%	9,45%	9,31%
	Sul		25,80%	25,79%	25,71%	25,56%	25,05%	25,33%	25,58%	25,53%	26,76%	26,46%
	Sudeste		41,05%	40,94%	40,51%	40,50%	41,53%	40,88%	40,85%	40,45%	39,04%	38,92%
	Nordeste		20,80%	20,60%	20,87%	20,82%	20,38%	20,48%	20,09%	20,25%	20,33%	20,70%
	Norte		3,87%	3,97%	4,09%	4,13%	4,09%	4,22%	4,22%	4,30%	4,43%	4,62%
	Brasil	Qtd.	33.690	34.670	36.206	37.425	42.159	42.888	45.127	47.467	39.578	39.285

Fonte: RAIS/TEM

Essa Tabela de participações mostra que, tanto no emprego quanto no número de empresas, em percentuais aproximados, o Sudeste lidera com 40%, depois o Sul com 26%, o Nordeste com 20%, o Centro Oeste com 10% e o Norte com 4%. No período, para os empregos, se observa que apenas a Região Nordeste teve redução na participação, com principais ganhos para as regiões Centro Oeste e Norte. Já com relação ao número de empresas,

percebe-se que a maior redução da participação foi no Sudeste, e o Nordeste também reduziu em favor das demais. Vale destacar que essa redução da participação das regiões Sudeste e Nordeste não significou diminuição do número de empresas, mas um aumento maior nas demais regiões.

Com relação ao número de empregos para o total da indústria de alimentos, por região, ficam mais claras as diferenças de crescimento no período, enquanto que as regiões Centro Oeste e Norte cresceram aproximadamente 89%, no Sul e no Sudeste cresceram em torno de 66%, o Nordeste teve crescimento mais moderado de 43,54%. A quantidade de empresas teve um crescimento mais diferenciado entre as regiões, tendo como destaque o aumento de 39,11% no Norte e 28,04% no Centro Oeste, e de forma mais moderada, o Sul aumentou em 19,58%, o Nordeste 16,02%, e o Sudeste 10,55%. Para o total, ou seja, o Brasil, o crescimento do número de empresas foi de 16,61%, conforme o Tabela 2.

Tabela 2 - Quantidade de empregos e empresas na fabricação de alimentos, por regiões do Brasil, entre 2002 e 2011

Tipo	Região	FABRICAÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS										Variação % 2002 - 2011
		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	
Empregos	Centro-Oeste	83.439	87.368	67.710	112.865	125.880	147.015	147.556	154.713	148.594	157.751	89,06%
	Sul	231.771	248.150	271.115	293.018	318.974	351.543	356.699	365.397	370.226	385.321	66,25%
	Sudeste	346.924	370.164	418.779	425.085	487.651	519.553	535.544	560.064	552.078	575.446	65,87%
	Nordeste	198.676	206.918	234.742	242.473	254.676	272.743	281.793	294.835	278.060	285.189	43,54%
	Norte	26.280	27.700	32.080	35.173	42.707	48.310	50.475	51.217	51.897	49.700	89,12%
	Total	887.090	940.300	1.024.426	1.108.614	1.229.888	1.339.164	1.372.067	1.426.226	1.400.855	1.453.407	63,84%
Empresas	Centro-Oeste	2.857	3.016	3.194	3.364	3.771	3.895	4.174	4.497	3.739	3.658	28,04%
	Sul	8.691	8.942	9.308	9.566	10.562	10.863	11.544	12.117	10.590	10.393	19,58%
	Sudeste	13.829	14.194	14.666	15.157	17.509	17.534	18.435	19.201	15.451	15.288	10,55%
	Nordeste	7.009	7.143	7.556	7.792	8.593	8.785	9.068	9.612	8.046	8.132	16,02%
	Norte	1.304	1.375	1.482	1.546	1.724	1.811	1.906	2.040	1.752	1.814	39,11%
	Total	33.690	34.670	36.206	37.425	42.159	42.888	45.127	47.467	39.578	39.285	16,61%

Fonte: RAIS/TEM

Os números também mostram um crescimento mais significativo entre 2002 e 2007, e mais moderado entre 2008 e 2011, com redução em alguns casos, como no número de empregados em 2010, e em 2010 e 2011 no número de empresas.

O número médio de empregados por empresa, para o total da indústria de alimentos, cresceu em todas as regiões, ou seja, as empresas ficaram maiores. A região Centro Oeste foi a que apresentou maior média, 43 em 2011,

crescimento de 47,66% frente aos 29 empregados por empresa, em 2002. A região Sudeste aumentou em 50% o número médio de trabalhadores por empresa, passando de 25 para 38, entre 2002 e 2011. Para as demais regiões, em 2011, a média ficou em 37 no Sul, 35 no Nordeste, e 27 no Norte. A média para o Brasil em 2011 foi de 37 empregados por empresa, um crescimento de 40,51% em relação aos 26 de 2002.

Há que se considerar para essas comparações, tanto para o total da indústria como para os grupos de alimentos, as diferenças em números absolutos de cada região em relação às variações nos crescimentos percentuais. No entanto, essa comparação se faz necessária no sentido de analisar a evolução dos dados da própria região.

O Tabela 3, para o grupo “Carnes”, para o período entre 2002 e 2011, mostra crescimentos significativos do emprego, principalmente nas regiões Nordeste (135,95%), Norte (113,29%) e Centro Oeste (97,23%). Essas aumentaram suas participações no total do Brasil, ao longo desse período, em detrimento das regiões Sul e Sudeste, mas que também cresceram 77,72% e 61,19% respectivamente. No emprego também se observou o período entre 2002 e 2007 de crescimentos mais expressivos do que nos anos posteriores.

Tabela 3 - Quantidade de empregos e empresas no grupo “Carnes”, por regiões do Brasil, entre 2002 e 2011

Tipo	Região	ABATE E PREPARAÇÃO DE PRODUTOS DE CARNE E DE PESCADO										Varição %
		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2002 - 2011
Empregos	Centro-Oeste	42.281	44.596	41.888	64.540	70.102	82.506	80.340	81.144	78.981	83.391	97,23%
	Sul	103.272	113.418	132.403	146.730	158.477	175.254	177.040	173.488	178.665	183.536	77,72%
	Sudeste	74.494	80.518	91.494	97.154	103.833	112.505	112.865	111.407	115.891	120.079	61,19%
	Nordeste	7.691	8.479	9.157	9.876	13.165	14.181	15.722	17.215	19.595	18.147	135,95%
	Norte	10.887	11.624	13.289	13.525	20.125	22.668	22.434	21.866	22.365	23.221	113,29%
	Total	238.625	258.635	288.231	331.825	365.702	407.114	408.401	405.120	415.497	428.374	79,52%
Empresas	Centro-Oeste	340	358	405	415	423	482	518	541	525	525	54,41%
	Sul	1.068	1.131	1.169	1.174	1.233	1.315	1.320	1.349	1.427	1.455	36,24%
	Sudeste	1.016	1.048	1.097	1.138	1.183	1.298	1.329	1.268	1.352	1.371	34,94%
	Nordeste	261	280	290	326	359	370	395	384	377	379	45,21%
	Norte	147	157	184	190	227	250	265	261	268	273	85,71%
	Total	2.832	2.974	3.145	3.243	3.425	3.715	3.827	3.803	3.949	4.003	41,35%

Fonte: RAIS/TEM

Quanto ao número de empresas do grupo “Carnes” a região Norte se destacou com aumento de 85,71%, passando de 147 empresas em 2002 para

273 em 2011. Ainda, o Centro Oeste (54,41%) e o Nordeste (45,21%) tiveram crescimento acima do que foi verificado para o Brasil (41,35%), em termos percentuais.

No grupo “Conservas”, a região Centro Oeste passou de 2.397 para 7.076, entre 2002 e 2011, o que significou um crescimento de 195,20%, enquanto que a região Nordeste cresceu 111% e a Norte 92,79%, assim, aumentando suas participações no total do emprego desse grupo, ocupando parte do espaço das regiões Sudeste e Sul, que também cresceram 59,52% e 15,39%, respectivamente, conforme a Tabela. Destaca-se que a participação do Centro Oeste no total passou de 8,14% para 14,14%, enquanto que a região Sul reduziu sua participação de 27,28% para 18,52%, entre 2002 e 2011.

Tabela 4 - Quantidade de empregos e empresas no grupo “Conservas”, por regiões do Brasil, entre 2002 e 2011

Tipo	Região	PROCESSAMENTO, PRESERVAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONSERVAS DE FRUTAS, LEGUMES E OUTROS VEGETAIS										Variação %
		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	
Empregos	Centro-Oeste	2.397	2.639	1.452	3.305	5.556	5.979	6.091	6.498	7.085	7.076	195,20%
	Sul	8.031	8.312	7.120	6.810	7.044	8.691	7.895	8.574	7.666	9.267	15,39%
	Sudeste	12.087	13.599	15.881	14.500	16.361	16.471	17.864	17.097	17.187	19.281	59,52%
	Nordeste	5.866	6.163	9.663	9.009	9.715	10.391	9.205	10.779	10.741	12.377	111,00%
	Norte	1.054	1.205	1.331	1.851	1.623	1.693	1.613	1.920	1.996	2.032	92,79%
	Total	29.435	31.918	35.447	35.475	40.299	43.225	42.668	44.868	44.675	50.033	69,98%
Empresas	Centro-Oeste	51	61	60	67	66	69	67	74	90	97	90,20%
	Sul	276	286	297	311	344	347	363	374	389	415	50,36%
	Sudeste	404	406	447	444	490	477	521	549	558	607	50,25%
	Nordeste	235	262	300	322	303	354	367	379	409	443	88,51%
	Norte	101	115	108	119	136	139	129	138	136	141	39,60%
	Total	1.067	1.130	1.212	1.263	1.339	1.386	1.447	1.514	1.582	1.703	59,61%

Fonte: RAIS/TEM

O número de empresas no grupo “Conservas” cresceu 90,20% na região Centro Oeste e 88,51% na região Nordeste, enquanto que a região Norte, que cresceu nos mesmos patamares da região Nordeste na quantidade de empregos, no número de empresas cresceu 39,60%, tanto que ganhou em participação no total do emprego e perdeu participação no total de empresas desse grupo para o Brasil. Nas regiões Sul e Sudeste o crescimento do número de empresas foi próximo dos 50%.

O número de empregos no grupo “Óleos” apresentou crescimentos mais diferenciados por região. Enquanto que as regiões Centro Oeste e Norte cresceram mais de 79%, a região Sul cresceu 36,06%, a região Sudeste 7,83%

e a Nordeste apenas 1,61%. Essa variação fez com que, entre 2002 e 2011, o Centro Oeste aumentasse sua participação de 18,48% para 24,67% e o Sudeste reduzisse de 32,31% para 25,95% e, além dessa aproximação, a região Norte que passou de 8,31% para 11,10%, ultrapassou, em termos de participação no total do emprego, a região Nordeste, que caiu de 12,35% para 9,35%, no mesmo período.

Tabela 5 - Quantidade de empregos e empresas no grupo “Óleos”, por regiões do Brasil, entre 2002 e 2011

Tipo	Região	PRODUÇÃO DE ÓLEOS E GORDURAS VEGETAIS E ANIMAIS										Variação % 2002 - 2011
		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	
Empregos	Centro-Oeste	4.191	4.579	3.235	5.291	5.466	6.060	6.772	8.136	7.557	7.513	79,27%
	Sul	6.476	6.810	6.410	5.892	6.470	8.137	7.893	8.183	8.924	8.811	36,06%
	Sudeste	7.330	7.843	8.946	9.103	7.586	7.278	7.912	8.402	8.311	7.904	7,83%
	Nordeste	2.801	2.464	3.113	3.099	2.735	3.021	2.881	2.771	2.799	2.846	1,61%
	Norte	1.886	2.486	2.813	3.104	4.163	4.917	6.627	6.000	7.281	3.380	79,22%
	Total	22.684	24.182	24.517	26.489	26.420	29.413	32.085	33.492	34.872	30.454	34,25%
Empresas	Centro-Oeste	47	57	61	67	62	77	77	111	71	76	61,70%
	Sul	114	116	120	122	96	123	105	111	107	114	0,00%
	Sudeste	75	89	95	94	91	96	105	109	102	103	37,33%
	Nordeste	67	68	79	93	82	94	94	110	102	100	49,25%
	Norte	21	22	25	24	29	27	31	32	27	22	4,76%
	Total	324	352	380	400	360	417	412	473	409	415	28,09%

Fonte: RAIS/TEM

No número de empresas, do grupo “Óleos”, conforme Quadro 6, se destaca a região Centro Oeste que aumentou em 61,70%, e a região Sul que iniciou e encerrou o período com 114 empresas, mesmo que tenha chegado a 123 empresas em 2007. A região Sul diminuiu seu percentual de participação no total de empresas desse grupo de 35,19% para 27,47%, nesse período, mas continua com maior número que as demais regiões.

No grupo “Laticínios”, conforme Tabela 6, o número de empregos aumentou em 127,35% na região Nordeste e 103,74% na região Norte, com crescimento menor, ficaram a região Sul (73,15%), a Centro Oeste (49%) e a Sudeste (36,37%). Essas variações fizeram com que a região Sudeste reduzisse sua participação no total do emprego desse grupo de 56,21% para 48,99% e a região Nordeste passasse de 9,71% para 14,10%, ultrapassando no número de empregos a região Centro Oeste, que permaneceu estável com participação de pouco mais de 10%, entre 2002 e 2011.

Tabela 6 - Quantidade de empregos e empresas no grupo “Laticínios”, por regiões do Brasil, entre 2002 e 2011

Tipo	Região	LATICÍNIOS										Variação %
		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2002 - 2011
Empregos	Centro-Oeste	7.882	8.073	5.116	8.428	9.563	9.825	10.423	11.384	11.910	11.744	49,00%
	Sul	14.088	14.453	14.111	15.575	16.712	18.197	19.094	21.233	22.595	24.394	73,15%
	Sudeste	41.379	42.495	45.002	45.272	46.765	49.229	50.388	51.526	53.731	56.429	36,37%
	Nordeste	7.145	7.002	8.055	9.048	9.697	10.902	11.907	13.180	14.970	16.244	127,35%
	Norte	3.126	3.487	3.943	4.267	4.426	4.781	5.080	5.759	6.095	6.369	103,74%
	Total	73.620	75.510	76.227	82.590	87.163	92.934	96.892	103.082	109.301	115.180	56,45%
Empresas	Centro-Oeste	656	656	671	658	617	640	643	667	685	683	4,12%
	Sul	1.036	1.047	1.092	1.077	1.106	1.135	1.197	1.214	1.184	1.201	15,93%
	Sudeste	2.744	2.759	2.739	2.791	2.733	2.731	2.733	2.746	2.695	2.692	-1,90%
	Nordeste	700	729	764	794	782	822	873	897	924	1.006	43,71%
	Norte	210	241	271	277	273	284	299	315	314	323	53,81%
	Total	5.346	5.432	5.537	5.597	5.511	5.612	5.745	5.839	5.802	5.905	10,46%

Fonte: RAIS/TEM

Quanto ao número de empresas desse grupo, os maiores aumentos foram nas regiões Norte (53,81%) e Nordeste (43,71%), enquanto que na região Sudeste a variação foi negativa, ou seja, o número de empresas reduziu em 1,90%, entre 2002 e 2011, passando de 2.744 para 2.692. Com isso a região Nordeste aumentou sua participação no total de empresas de 13,09% para 17,04%, no período.

O crescimento do número de empregos no grupo “Moagem” foi semelhante para as regiões Norte (53,77%), Centro Oeste (47,80%) e Sul (45,02%), já a região Sudeste teve o maior crescimento, que foi de 65,80%, e a Nordeste o menor, de 22,49%, no período entre 2002 e 2011, conforme Tabela 7. Com isso a região Nordeste perdeu mais de 3 pontos percentuais (p.p.) da sua participação no total do emprego desse grupo, que foram acrescidos pela região Sudeste.

Tabela 7 - Quantidade de empregos e empresas no grupo “Moagem”, por regiões do Brasil, entre 2002 e 2011

Tipo	Região	MOAGEM, FABRICAÇÃO DE PRODUTOS AMILÁCEOS E DE RAÇÕES BALANCEADAS PARA ANIMAIS										Variação % 2002 - 2011
		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	
Empregos	Centro-Oeste	7.557	8.222	6.421	9.334	8.530	8.596	9.534	10.058	10.515	11.169	47,80%
	Sul	31.745	32.737	34.508	36.673	36.583	38.142	41.054	42.397	44.172	46.038	45,02%
	Sudeste	24.362	25.896	29.502	29.460	29.972	30.036	32.605	34.371	37.781	40.391	65,80%
	Nordeste	19.203	21.792	20.100	21.684	22.154	21.614	20.386	20.680	21.784	23.521	22,49%
	Norte	2.600	2.600	3.330	3.515	2.543	3.426	3.284	3.719	3.953	3.998	53,77%
	Total	85.467	91.247	93.861	100.666	99.782	101.814	106.863	111.225	118.205	125.117	46,39%
Empresas	Centro-Oeste	567	586	622	671	603	598	622	639	649	659	16,23%
	Sul	1.636	1.645	1.656	1.700	1.608	1.615	1.616	1.632	1.653	1.654	1,10%
	Sudeste	1.235	1.235	1.259	1.343	1.294	1.263	1.285	1.319	1.305	1.290	4,45%
	Nordeste	536	572	643	634	608	625	624	621	631	645	20,34%
	Norte	190	202	221	215	219	212	216	224	233	219	15,26%
	Total	4.164	4.240	4.401	4.563	4.332	4.313	4.363	4.435	4.471	4.467	7,28%

Fonte: RAIS/TEM

Quanto ao número de empresas, o maior crescimento ocorreu na região Nordeste (20,34%) e o menor na região Sul (1,1%). Não houve mudança significativa na participação das regiões no do total desse grupo.

A Tabela 8, que apresenta os números do emprego e das empresas do grupo “Açúcar”, mostra as variações mais significativas entre as regiões, no período 2002 – 2011. Enquanto que a variação no Centro Oeste, que passou de 2.733 empregos para 16.706, representou um crescimento de 511,27%, na região Norte houve redução de 677 para 107 empregos, uma queda de 84,19%. Na região Sudeste o aumento do emprego foi de 199,92%, na região Sul 108,15% e na região Nordeste, 36,98%. Mesmo com essas variações, a participação da região Centro Oeste ficou em 4,88%, a Sul 9,13% e a Norte 0,03%, em 2011, ou seja, a grande parte dos empregos permaneceu na região Sudeste (43,53%) e Nordeste (42,42%), nesse mesmo ano.

Tabela 8 - Quantidade de empregos e empresas no grupo “Açúcar”, por regiões do Brasil, entre 2002 e 2011

Tipo	Região	FABRICAÇÃO E REFINO DE AÇÚCAR										Variação %
		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2002 - 2011
Empregos	Centro-Oeste	2.733	2.989	3.081	4.495	7.058	12.656	11.667	12.854	11.936	16.706	511,27%
	Sul	15.010	16.238	14.867	15.047	19.042	24.005	20.838	23.776	25.908	31.244	108,15%
	Sudeste	49.660	61.104	79.353	77.272	103.490	115.079	117.763	130.877	137.159	148.938	199,92%
	Nordeste	105.944	109.740	129.405	132.754	133.983	147.908	154.523	158.473	143.209	145.117	36,98%
	Norte	677	10	232	333	578	457	421	124	24	107	-84,19%
	Total	174.024	190.081	226.938	229.901	264.151	300.105	305.212	326.104	318.236	342.112	96,59%
Empresas	Centro-Oeste	12	11	14	14	12	23	33	26	25	31	158,33%
	Sul	25	21	26	22	25	31	37	33	38	37	48,00%
	Sudeste	161	165	168	179	185	204	200	203	206	214	32,92%
	Nordeste	108	100	117	111	110	108	101	107	105	102	-5,56%
	Norte	2	2	2	1	6	8	7	5	3	4	100,00%
	Total	308	299	327	327	338	374	378	374	377	388	25,97%

Fonte: RAIS/TEM

O número de empresas no Grupo “Açúcar” mostra diferença acentuada entre as regiões, principalmente na região Norte, onde existiam apenas 4 empresas em 2011. Outro destaque dessa tabela fica para a diferença no número de empresas entre a região Sudeste (214) e Nordeste (102) em 2011, enquanto que essas mesmas regiões participavam no total do emprego do grupo com percentuais semelhantes: Sudeste (43,53%) e Nordeste (42,42%). Com isso, a média de empregados por empresa em 2011 foi de 1.423 no Nordeste, 844 no Sul, 696 no Sudeste, 539 no Centro Oeste e 27 no Norte, onde, em 2002, já foi de 339.

No grupo “Café” as variações foram relativamente menores em comparação com os demais grupos, tanto no número de empregos quanto no número de empresas, conforme Tabela 9. A maior variação, ao longo do período 2002 – 2011, ocorreu na região Centro Oeste (10,14%) e a maior redução no número de empregos ocorreu na região Sul (-12,63%), com isso não se alterou significativamente a participação das regiões no total do emprego nesse grupo.

Tabela 9 - Quantidade de empregos e empresas no grupo “Café”, por regiões do Brasil, entre 2002 e 2011

Tipo	Região	TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ										Variação % 2002 - 2011
		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	
Empregos	Centro-Oeste	1.499	1.497	698	1.571	1.499	1.541	1.472	1.473	1.541	1.651	10,14%
	Sul	2.883	2.907	2.882	2.785	2.689	2.774	2.607	2.466	2.709	2.519	-12,63%
	Sudeste	9.912	9.411	10.193	9.347	10.895	11.436	10.909	10.519	10.102	10.435	5,28%
	Nordeste	4.181	3.854	4.172	4.652	4.474	4.704	4.431	4.164	4.202	4.516	8,01%
	Norte	642	599	631	672	655	593	524	486	529	563	-12,31%
	Total	19.117	18.268	18.576	19.027	20.212	21.048	19.943	19.108	19.083	19.684	2,97%
Empresas	Centro-Oeste	99	95	97	99	105	107	104	104	109	100	1,01%
	Sul	154	154	142	144	152	148	154	145	157	146	-5,19%
	Sudeste	560	573	580	595	644	639	629	618	634	637	13,75%
	Nordeste	187	182	177	164	151	153	138	139	143	128	-31,55%
	Norte	47	50	47	47	54	52	48	46	48	56	19,15%
	Total	1.047	1.054	1.043	1.049	1.106	1.099	1.073	1.052	1.091	1.067	1,91%

Fonte: RAIS/TEM

Com relação ao número de empresas, os maiores aumentos foram nas regiões Norte (19,15%) e Sudeste (13,75%), e a maior redução foi na região Nordeste. (-31,55%). Com isso, considerando o volume de empresas, no período entre 2002 e 2011, a região Nordeste reduziu sua participação no total de empresas de 17,86% para 12%, enquanto que a região Sudeste aumentou de 53,49% para 59,70%.

Para o grupo “Outros”, que se refere ao conjunto da fabricação de outros produtos alimentícios, as regiões com maior crescimento no número de empregos foram a Norte (85,47%) e a Sul (58,18%), conforme Tabela 10.

Neste grupo não houve alterações significativas na participação no total do emprego por região, no entanto, cabe citar que a região Sudeste, em 2011, participou com 50,22% do total, ou seja, mais da metade de todos os empregos desse grupo, enquanto que a região Sul ficou com 23,22% e a região Nordeste 18,23, restando para a região Centro Oeste 5,40% e para a região Norte 2,93%.

Tabela 10 - Quantidade de empregos e empresas no grupo “Outros”, por regiões do Brasil, entre 2002 e 2011

Tipo	Região	FABRICAÇÃO DE OUTROS PRODUTOS ALIMENTÍCIOS										Varição %
		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2002 - 2011
Empregos	Centro-Oeste	14.899	14.773	5.819	15.901	18.106	19.852	21.257	23.166	19.069	18.501	24,18%
	Sul	50.266	53.275	58.814	63.506	71.957	76.343	80.278	85.280	79.587	79.512	58,18%
	Sudeste	127.700	129.298	138.408	142.977	168.749	177.519	185.238	195.865	171.916	171.989	34,68%
	Nordeste	45.845	47.424	51.077	52.351	58.753	60.022	62.738	67.573	60.760	62.421	36,16%
	Norte	5.408	5.689	6.511	7.906	8.594	9.775	10.492	11.343	9.654	10.030	85,47%
	Total	244.118	250.459	260.629	282.641	326.159	343.511	360.003	383.227	340.986	342.453	40,28%
Empresas	Centro-Oeste	1.085	1.192	1.264	1.373	1.883	1.899	2.110	2.335	1.585	1.487	37,05%
	Sul	4.382	4.542	4.806	5.016	5.998	6.149	6.752	7.259	5.635	5.371	22,57%
	Sudeste	7.634	7.919	8.281	8.573	10.889	10.826	11.633	12.389	8.599	8.374	9,69%
	Nordeste	4.915	4.950	5.186	5.348	6.198	6.259	6.476	6.975	5.355	5.329	8,42%
	Norte	586	586	624	673	780	839	911	1.019	723	776	32,42%
		Total	18.602	19.189	20.161	20.983	25.748	25.972	27.882	29.977	21.897	21.337

Fonte: RAIS/TEM

O número de empresas teve crescimento mais significativo nas Regiões Centro Oeste (37,05%) e Norte (32,42%). Em termos de participação por região não houve mudanças que chamassem atenção. No entanto, o que chamou atenção foi a redução em 2010 e 2011, tanto no número de empregos quanto no número de empresas desse grupo, em relação aos números observados em 2009, em todas as regiões.

Em termos gerais, essa seção leva a considerar alguns aspectos importantes que contribuem para responder ao objetivo da análise do emprego na indústria de alimentos e por grupos de alimentos industrializados, levando em conta o comportamento regional no número de empregos e empresas. Entre esses aspectos, está o crescimento mais significativo ao longo do período entre 2002 e 2007, ou até 2008, e uma desaceleração desse crescimento ou até mesmo, em casos específicos, redução do número de empregos e empresas, em 2010, especialmente, que segue até 2011. Isso tudo dá sinais dos importantes efeitos da crise internacional iniciada na segunda metade de 2008 e, conseqüentemente remete para a importância da análise dos efeitos das variáveis de conjuntura macroeconômica sobre essa indústria.

Outro aspecto, diz respeito ao crescimento diferenciado entre regiões, chegando a alterar a posição na participação de cada uma no total do emprego e/ou de empresas, bem como a tendência de maior desconcentração da produção de alimentos da região Sudeste, principalmente em direção às regiões Centro Oeste e Norte. Entre os argumentos que podem justificar esse

movimento em direção a outras regiões para produção de alimentos industrializados estão a maior aproximação das regiões, onde a produção agrícola, fornecedora de matéria-prima, tem encontrado terras mais baratas e com ganho de escala e produtividade, assim como a aproximação a um “novo” mercado consumidor, constituído a partir da melhora na distribuição de renda, aumento geral do emprego e outras condições favoráveis que alcançaram, ao longo dos últimos anos, principalmente, as regiões norte e nordeste.

Essa desconcentração das atividades e do emprego vai ao mesmo sentido dos resultados dos trabalhos de Araújo (2002) Oliveira e Proni (2007), e em relação ao crescimento da região Centro Oeste, ao trabalho de Amorin et al. (2006a).

Dessa forma, a distribuição regional do emprego e do número de empresas da indústria de alimentos no Brasil, e seus grupos de produtos alimentícios, é elemento que contribui para a explicação da dinâmica do emprego, considerando as particularidades do comportamento do crescimento em cada região e as mudanças no perfil produtivo entre as regiões, através da maior ou menor participação de cada uma no total do Brasil, no período entre 2002 e 2011.

4.2 O emprego e a estrutura de produção da indústria de alimentos: por tamanho

Nesta seção da análise dos resultados, baseada na construção de tabelas que trazem a quantidade de empregos e o número de empresas por tamanho, o objetivo é analisar como essa estrutura da indústria de alimentos está relacionada à dinâmica do emprego, ao longo do período entre 2002 e 2011, através da identificação do comportamento desses números no total da indústria em cada grupo de alimentos industrializados.

Inicialmente, na Tabela 11, são apresentadas as participações percentuais do emprego e da quantidade de empresas, por tamanho. Quanto ao número de empregos, apenas as Grandes aumentaram sua participação ao longo do período, passando de um percentual de 41,23% para 52,46%,

enquanto que as Microempresas reduziram de 16,27% para 11,63%. As Pequenas de 16,26% para 14,86% e as Médias de 26,24% para 21,05%. Assim, pode-se confirmar a maior concentração do crescimento do emprego nas Grandes empresas.

Na participação percentual por tamanho, apenas as Micros reduziram sua participação no total de 85,51% para 81,69%, entre 2002 e 2011, com destaque para a diminuição mais acentuada em 2010 e 2011, período da crise econômica internacional. Isso mostra certa vulnerabilidade dessas empresas em relação às mudanças conjunturais. Além disso, se pode supor que a expansão dessas empresas para outras regiões sejam dificultadas pelos custos desse processo, que envolve, entre outros motivos, adequações às exigências sanitárias e ambientais e escala de produção insuficiente. Entre os demais tamanhos de empresa, as Pequenas foram as que ganharam mais espaço, passando de 10,53% para 13,34%.

Tabela 11 - Participação dos empregos e empresas no total da fabricação de alimentos, por tamanho de empresa, entre 2002 e 2011

Tipo	Tamanho	Unidade	FABRICAÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS									
			2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Empregos	MICRO	%	16,27%	16,00%	14,99%	14,88%	15,14%	14,16%	14,38%	14,63%	12,43%	11,63%
	PEQUENA		16,26%	16,53%	15,50%	15,59%	14,85%	14,62%	15,11%	15,44%	15,04%	14,86%
	MÉDIA		26,24%	23,94%	23,17%	22,26%	21,81%	21,06%	20,81%	20,64%	21,93%	21,05%
	GRANDE		41,23%	43,53%	46,34%	47,27%	48,20%	50,16%	49,70%	49,29%	50,59%	52,46%
	TOTAL	Qtd.	887.090	940.300	1.024.426	1.108.614	1.229.888	1.339.164	1.372.067	1.426.226	1.400.855	1.453.407
Empresas	MICRO	%	85,41%	85,11%	84,68%	84,48%	85,17%	84,56%	84,62%	84,74%	82,28%	81,69%
	PEQUENA		10,53%	10,96%	11,20%	11,45%	10,88%	11,30%	11,38%	11,42%	12,94%	13,34%
	MÉDIA		3,19%	3,01%	3,13%	3,08%	2,97%	3,08%	2,98%	2,85%	3,56%	3,62%
	GRANDE		0,87%	0,92%	0,99%	0,99%	0,98%	1,07%	1,02%	0,98%	1,22%	1,35%
	TOTAL	Qtd.	33.690	34.670	36.206	37.425	42.159	42.888	45.127	47.467	39.578	39.285

Fonte: RAIS/TEM

A Tabela 12, que mostra a quantidade de emprego e de empresas de fabricação de alimentos, apresenta a variação, por tamanho de empresa, destacando o significativo crescimento em termos de empregos de 108,49% nas Grandes empresas, enquanto que o emprego cresceu 49,66% nas Pequenas, 31,45% nas Médias e 17,10% nas Micros.

Tabela 12 - Quantidade de empregos e empresas na fabricação de alimentos, por tamanho de empresa, entre 2002 e 2011

Tipo	Tamanho	FABRICAÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS										Variação % 2002 - 2011
		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	
Empregos	Micro	144.295	150.440	153.523	164.985	186.203	189.603	197.309	208.615	174.195	168.975	17,10%
	Pequena	144.285	155.417	158.780	172.841	182.579	195.845	207.354	220.236	210.684	215.933	49,66%
	Média	232.792	225.111	237.408	246.755	268.266	282.022	285.542	294.367	307.266	306.004	31,45%
	Grande	365.718	409.332	474.715	524.033	592.840	671.694	681.862	703.008	708.710	762.495	108,49%
	Total	887.090	940.300	1.024.426	1.108.614	1.229.888	1.339.164	1.372.067	1.426.226	1.400.855	1.453.407	63,84%
Empresas	Micro	28.775	29.509	30.661	31.615	35.905	36.265	38.187	40.224	32.564	32.091	11,52%
	Pequena	3.547	3.801	4.054	4.287	4.588	4.846	5.135	5.423	5.121	5.240	47,73%
	Média	1.075	1.042	1.133	1.152	1.253	1.319	1.343	1.355	1.410	1.423	32,37%
	Grande	293	318	358	371	413	458	462	465	483	531	81,23%
	Total	33.690	34.670	36.206	37.425	42.159	42.888	45.127	47.467	39.578	39.285	16,61%

Fonte: RAIS/TEM

Com relação ao crescimento da quantidade de empresas por tamanho, ao longo do período, o destaque também ficou para as Grandes que passaram de 293 para 531, o que significou um aumento de 81,23%. E, da mesma forma que a quantidade de empregos, o segundo maior aumento no número de empresas foi das Pequenas (47,73%), o terceiro foi das Médias (32,37%), e as que menos cresceram foram as Pequenas (11,52%), sendo que essas se destacam pelas reduções significativas nos anos de 2010 e 2011, mesmos anos em que a quantidade de empresas Médias também reduziu.

A partir desses dados, verificou-se que apenas as Médias reduziram seu tamanho médio, de forma pouco significativa, passando de 215,55 para 214,04 empregados por empresa, entre 2002 e 2011, enquanto que as Micros passaram de 4,01 para 4,27, as Pequenas de 39,69 para 40,21 e, com aumento significativo no tamanho médio, as Grandes passaram de 1.247,18 para 1.434,96, ou seja, em 2011, em média, essas contrataram 187 empregados a mais que contratavam em 2002.

Para o grupo “Carnes”, a variação positiva, em relação ao emprego foi de pouco mais de 45% para as Micros e, também, para Pequenas empresas, a variação para as Médias foi positiva de 13,92% e as Grandes aumentaram o número de empregados em 127,74%, entre 2002 e 2011, conforme Tabela 13.

Tabela 13 - Quantidade de empregos e empresas no grupo “Carnes”, por tamanho de empresa, entre 2002 e 2011

Tipo	Tamanho	ABATE E PREPARAÇÃO DE PRODUTOS DE CARNE E DE PESCADO										Variação % 2002 - 2011
		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	
Empregos	Micro	10.132	11.073	11.325	12.091	12.545	13.251	13.488	13.769	14.245	14.763	45,71%
	Pequena	24.214	27.514	27.190	29.026	29.401	33.125	34.101	35.008	34.750	35.172	45,25%
	Média	76.251	68.736	73.302	72.571	86.160	89.886	84.332	87.989	89.067	86.864	13,92%
	Grande	128.028	151.312	176.414	218.137	237.596	270.852	276.480	268.354	277.435	291.575	127,74%
	Total	238.625	258.635	288.231	331.825	365.702	407.114	408.401	405.120	415.497	428.374	79,52%
Empresas	Micro	1.883	1.978	2.064	2.138	2.207	2.420	2.525	2.511	2.602	2.635	39,94%
	Pequena	520	572	602	628	671	722	742	743	762	771	48,27%
	Média	318	300	336	315	371	380	365	367	384	383	20,44%
	Grande	111	124	143	162	176	193	195	182	201	214	92,79%
	Total	2.832	2.974	3.145	3.243	3.425	3.715	3.827	3.803	3.949	4.003	41,35%

Fonte: RAIS/TEM

O número de empresas, por tamanho, apresentou crescimento mais significativo também para as Grandes, que aumentaram em 92,79%, em seguida, as Pequenas cresceram 48,27%, enquanto que o número de Micros e Médias cresceu 39,94% e 20,44%, respectivamente.

A média, entre as Grandes, aumentou em mais de 209 empregados por empresa, entre 2002 e 2011, enquanto que nas Médias a média chegou a se reduzir em 12,98 empregados por empresa no mesmo período. As Micros tinham participação de 65,83% e as Grandes 5,35% no total de empresas, do grupo “Carnes”, em 2011, no entanto, as Grandes participavam com 68,07% e as Pequenas com 3,45% do total do emprego, nesse mesmo ano.

O aumento do número de empregos, por tamanho, no grupo “conservas”, ocorreu de forma mais semelhante e significativa entre as Pequenas (88,85%) e Grandes (88,88%) e, entre as Micros (66,13%) e Médias (50,78%) de forma mais moderada, conforme Tabela 14.

Tabela 14 - Quantidade de empregos e empresas no grupo “Conservas”, por tamanho de empresa, entre 2002 e 2011

Tipo	Tamanho	PROCESSAMENTO, PRESERVAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONSERVAS DE FRUTAS, LEGUMES E OUTROS										Variação % 2002 - 2011
		VEGETAIS										
		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	
Empregos	Micro	4.367	4.585	4.979	5.359	5.798	6.176	6.391	6.706	6.919	7.255	66,13%
	Pequena	5.981	7.535	6.986	7.444	8.169	8.463	9.231	10.219	10.398	11.295	88,85%
	Média	11.990	11.789	12.905	12.885	13.176	14.766	14.920	14.922	17.156	18.078	50,78%
	Grande	7.097	8.009	10.577	9.787	13.156	13.820	12.126	13.021	10.202	13.405	88,88%
	Total	29.435	31.918	35.447	35.475	40.299	43.225	42.668	44.868	44.675	50.033	69,98%
Empresas	Micro	860	895	964	1.003	1.059	1.102	1.147	1.180	1.236	1.340	55,81%
	Pequena	145	173	170	186	203	198	218	249	257	270	86,21%
	Média	54	53	64	62	63	72	70	72	79	78	44,44%
	Grande	8	9	14	12	14	14	12	13	10	15	87,50%
	Total	1.067	1.130	1.212	1.263	1.339	1.386	1.447	1.514	1.582	1.703	59,61%

Fonte: RAIS/MTE

As empresas Médias foram as que mais aumentaram seu tamanho médio, passando de 221 para aproximadamente 231 empregados por empresa, no grupo “Conservas”. Nesse grupo, a maior participação na quantidade de empregos totais é das Médias, com 36,13%, em 2011, enquanto que entre as empresas participa com 4,58% do total. Já as Pequenas que participavam com 14,50% do emprego, em 2011, entre as empresas, participavam com 78,68% do total, no mesmo ano.

O número de empregos nas Microempresas foi o que mais cresceu no grupo “Óleos”, chegando a 55,27%, as Grandes e Médias cresceram 38,38% e 36,09%, respectivamente, enquanto que as Médias 15,95%, entre 2002 e 2011. Em quantidade de empresas, o tamanho que mais cresceu foi das Pequenas (34,38%), na sequência cresceram as Micros (27,89%), Grandes (25%) e as Médias (22,58%).

Tabela 15 - Quantidade de empregos e empresas no grupo “Óleos”, por tamanho de empresa, entre 2002 e 2011

Tipo	Tamanho	PRODUÇÃO DE ÓLEOS E GORDURAS VEGETAIS E ANIMAIS										Variação %
		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2002 - 2011
Empregos	Micro	997	1.120	1.248	1.260	1.090	1.475	1.518	1.819	1.506	1.548	55,27%
	Pequena	3.692	3.652	3.746	3.806	3.531	3.494	3.877	4.499	4.207	4.281	15,95%
	Média	12.107	12.764	13.879	14.766	13.021	14.880	15.771	16.729	17.085	16.477	36,09%
	Grande	5.888	6.646	5.644	6.657	8.778	9.564	10.919	10.445	12.074	8.148	38,38%
	Total	22.684	24.182	24.517	26.489	26.420	29.413	32.085	33.492	34.872	30.454	34,25%
Empresas	Micro	190	209	228	246	214	264	246	293	231	243	27,89%
	Pequena	64	70	75	75	69	68	78	90	89	86	34,38%
	Média	62	64	68	70	65	75	77	80	78	76	22,58%
	Grande	8	9	9	9	12	10	11	10	11	10	25,00%
	Total	324	352	380	400	360	417	412	473	409	415	28,09%

Fonte: RAIS/TEM

O tamanho médio das Grandes passou de 735 para 813,80, entre 2002 e 2012, ou seja, 78,80 empregados a mais por empresa. As Médias aumentaram em 21,53 seu tamanho médio, enquanto que as Pequenas reduziram seu tamanho médio em 7,91 empregados por empresa no período. A maior participação na quantidade de empregos totais é das Médias, com 54,10%, em 2011, enquanto que entre as empresas participavam com 18,31% do total. As Grandes, no grupo “Óleos” participavam com apenas 26,76% do total do emprego, em 2011.

Tabela 16 - Quantidade de empregos e empresas no grupo “Laticínios”, por tamanho de empresa, entre 2002 e 2011

Tipo	Tamanho	LATICÍNIOS										Varição %
		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2002 - 2011
Empregos	Micro	22.274	23.042	22.384	23.696	23.649	23.721	23.727	24.679	25.178	25.175	13,02%
	Pequena	21.485	22.223	23.065	24.390	25.648	26.852	28.554	29.136	30.765	30.544	42,16%
	Média	22.915	23.339	21.702	24.623	27.823	30.414	33.047	34.560	36.654	39.463	72,21%
	Grande	6.946	6.906	9.076	9.881	10.043	11.947	11.564	14.707	16.704	19.998	187,91%
	Total	73.620	75.510	76.227	82.590	87.163	92.934	96.892	103.082	109.301	115.180	56,45%
Empresas	Micro	4.678	4.749	4.802	4.843	4.722	4.763	4.849	4.939	4.877	4.949	5,79%
	Pequena	536	550	597	608	633	677	716	709	732	738	37,69%
	Média	122	123	127	135	145	158	167	174	175	195	59,84%
	Grande	10	10	11	11	11	14	13	17	18	23	130,00%
	Total	5.346	5.432	5.537	5.597	5.511	5.612	5.745	5.839	5.802	5.905	10,46%

Fonte: RAIS/TEM

No grupo “Laticínios” o emprego nas Grandes empresas cresceu 187,91%, nas Médias 72,21%, nas Pequenas 42,16% e nas Micros 13,02%, entre 2002 e 2011, conforme Tabela 16. A quantidade de empresas também teve crescimento nessa mesma sequência de tamanhos. No entanto, o que se destaca é que dos 130% de aumento nas Grandes, foi o número absoluto, já que essas eram apenas 10, em 2002, e passaram para 23, em 2011.

O tamanho médio das Grandes empresas também cresceu significativamente ao longo do período, passando de 693,60 para 868,48, ou seja, 174,88 empregados por empresa a mais, enquanto que as Médias aumentaram em 14,55 empregados, seu tamanho médio no período.

A participação de cada tamanho na quantidade do emprego, em 2011, estava equilibrada, sendo a maior a das Médias com 34,26% e a menor a das Grandes com 17,36%. Quanto à participação no número de empresas, as Micros participavam com 83,81% do total de empresas, em 2011, no grupo “Laticínios”.

O crescimento do número de empregos no grupo “Moagem” foi de 66,77% entre as Médias, 49,02% entre as Pequenas, 43,61% entre as Grandes e 12,54% entre as Pequenas, entre 2002 e 2011. Um dos fatores que contribuiu para o crescimento do número de empregos das Grandes foi o aumento de quase 4.000 empregos entre 2010 e 2011, quando passaram de 18 para 23 empresas. Quanto ao número de empresas a maior variação foi nas de tamanho Médio (63,57%), enquanto que o número das de tamanho Micro se reduziu (-2,72%).

Tabela 17 - Quantidade de empregos e empresas no grupo “Moagem”, por tamanho de empresa, entre 2002 e 2011

Tipo	Tamanho	MOAGEM, FABRICAÇÃO DE PRODUTOS AMILÁCEOS E DE RAÇÕES BALANCEADAS PARA ANIMAIS										Variação % 2002 - 2011
		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	
Empregos	Micro	17.014	17.876	18.452	19.790	18.749	18.497	18.184	18.929	19.301	19.148	12,54%
	Pequena	28.411	29.842	31.584	33.546	32.595	34.000	36.361	37.860	39.017	42.337	49,02%
	Média	26.460	28.083	30.603	33.143	32.378	33.531	38.142	39.034	44.293	44.127	66,77%
	Grande	13.582	15.446	13.222	14.187	16.060	15.786	14.176	15.402	15.594	19.505	43,61%
	Total	85.467	91.247	93.861	100.666	99.782	101.814	106.863	111.225	118.205	125.117	46,39%
Empresas	Micro	3.342	3.372	3.443	3.594	3.355	3.296	3.271	3.334	3.321	3.251	-2,72%
	Pequena	665	699	775	778	774	807	861	877	902	964	44,96%
	Média	140	150	168	175	184	191	214	207	230	229	63,57%
	Grande	17	19	15	16	19	19	17	17	18	23	35,29%
	Total	4.164	4.240	4.401	4.563	4.332	4.313	4.363	4.435	4.471	4.467	7,28%

Fonte: RAIS/TEM

As Grandes aumentaram seu tamanho médio em 49,10 empregos por empresa, entre 2002 e 2011, passando de 797,94 para 847,04, em média. Entre 2002 e 2011, a participação no número de empresas se reduziu entre as Micros de 80,26% para 72,28%, enquanto que as Pequenas aumentaram sua participação de 15,97% para 21,58%, do total de empresas. Em 2011, as empresas Médias participavam com 35,27% e as Pequenas com 33,84% do total do emprego.

No grupo “Açúcar” o aumento dos empregados foi significativo para as empresas de tamanho Grande (115,18%) e para as Pequenas (52,02%), enquanto que para as Médias e Micros, foi significativa a redução, sendo de 17,87% e 16,80%, respectivamente, entre 2002 e 2011, conforme Tabela 18.

No que diz respeito à quantidade de empresas a variação foi positiva para as Grandes (96,59%), Pequenas (50%) e Micros (9,62%), já, com variação negativa, as Médias se reduziram em 27,78%, passando de 90 para 65 empresas, entre 2002 e 2011.

Tabela 18 - Quantidade de empregos e empresas no grupo “Açúcar”, por tamanho de empresa, entre 2002 e 2011

Tipo	Tamanho	FABRICAÇÃO E REFINO DE AÇÚCAR										Variação % 2002 - 2011
		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	
Empregos	Micro	631	590	558	464	543	661	559	560	571	525	-16,80%
	Pequena	1.488	1.486	1.790	2.223	2.129	2.471	2.023	1.760	1.629	2.262	52,02%
	Média	22.988	22.767	24.081	21.475	22.399	21.829	20.351	21.049	21.061	18.880	-17,87%
	Grande	148.917	165.238	200.509	205.739	239.080	275.144	282.279	302.735	294.975	320.445	115,18%
	Total	174.024	190.081	226.938	229.901	264.151	300.105	305.212	326.104	318.236	342.112	96,59%
Empresas	Micro	104	96	102	98	93	109	118	107	118	114	9,62%
	Pequena	32	31	40	50	46	47	41	39	35	48	50,00%
	Média	90	81	80	74	82	81	74	75	74	65	-27,78%
	Grande	82	91	105	105	117	137	145	153	150	161	96,34%
	Total	308	299	327	327	338	374	378	374	377	388	25,97%

Fonte: RAIS/TEM

Com relação à média de empregados por empresas, se por um lado as Micros diminuíram de 5,07 para 3,6, por outro as Médias aumentaram de 254,42 para 289,46, e as Grandes de 1.815,06 para 1.989,34, no caso dessas, empregavam 174,28 a mais em 2011 que em 2002, em média.

Em 2011, no grupo “Açúcar”, as Grandes empresas participavam com 41,49% e as Micros com 29,38% do total de empresas, e quando observadas suas participações em termos de empregos, as Grandes participavam com 93,67% e as Micros com 0,15% do total de empregos, no mesmo ano.

No grupo “Café”, conforme Tabela 19, o número de empregados aumentou em 185,52% nas empresas de tamanho Grande e 3,19% nas de tamanho Micro, enquanto que nas de tamanho Pequeno e Médio houve redução de 13,86% e 43,10%, respectivamente, entre 2002 e 2011. As variações nas quantidades de empresas tiveram comportamento muito semelhante ao das variações no emprego. Porém, o crescimento das Grandes ocorreu pelo aumento de 3 para 8 empresas, e a redução das Médias foi de 32 para 19 empresas.

Tabela 19 - Quantidade de empregos e empresas no grupo “Café”, por tamanho de empresa, entre 2002 e 2011

Tipo	Tamanho	TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ										Variação %
		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2002 - 2011
Empregos	Micro	4.110	4.067	3.929	4.038	4.363	4.305	4.180	4.181	4.360	4.241	3,19%
	Pequena	5.418	5.143	4.631	5.223	4.713	5.044	4.949	4.448	4.406	4.667	-13,86%
	Média	7.262	6.047	5.499	6.388	6.413	7.274	6.439	5.586	4.724	4.132	-43,10%
	Grande	2.327	3.011	4.517	3.378	4.723	4.425	4.375	4.893	5.593	6.644	185,52%
	Total	19.117	18.268	18.576	19.027	20.212	21.048	19.943	19.108	19.083	19.684	2,97%
Empresas	Micro	878	894	876	878	949	940	923	910	955	926	5,47%
	Pequena	134	129	133	134	119	123	118	111	107	114	-14,93%
	Média	32	27	28	32	32	31	27	25	22	19	-40,63%
	Grande	3	4	6	5	6	5	5	6	7	8	166,67%
	Total	1.047	1.054	1.043	1.049	1.106	1.099	1.073	1.052	1.091	1.067	1,91%

Fonte: RAIS/TEM

A quantidade média de empregados por empresa de tamanho Médio diminuiu em 9,46, enquanto que para as de tamanho Grande aumentou em 54,83 empregados por empresa, ou seja, em 2002 essas empregavam 774,67 e passaram a empregar 829,50, em 2011.

Quanto à participação no total do emprego por tamanho de empresa, entre 2002 e 2011, as Pequenas diminuíram de 28,34% para 23,71%, as Médias diminuíram de 37,99% para 20,99%, já as Micros aumentaram de 21,50% para 21,55% e as Grandes aumentaram de 12,17% para 33,75%. As Grandes participavam com 0,75% e as pequenas 86,79% do total de empresas, em 2011.

Por fim, o grupo “Outros”, apresentou crescimento no emprego em todos os tamanhos de empresa, conforme Tabela 20, entre 2002 e 2011. O maior crescimento foi entre as Pequenas (59,29%), em seguida as Grandes (56,38%), depois as Médias (47,64%), e com menor crescimento as Micros (13,63%). Porém, as Micros e Pequenas haviam crescido mais até 2009 e acabaram recuando em 2010 e 2011. Quanto ao número de empresas, as variações foram nos mesmos patamares do crescimento do emprego.

Tabela 20 - Quantidade de empregos e empresas no grupo “Outros”, por tamanho de empresa, entre 2002 e 2011

Tipo	Tamanho	FABRICAÇÃO DE OUTROS PRODUTOS ALIMENTÍCIOS										Varição %
		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2002 - 2011
Empregos	Micro	84.770	88.087	90.648	98.287	119.466	121.517	129.262	137.972	102.115	96.320	13,63%
	Pequena	53.596	58.022	59.788	67.183	76.393	82.396	88.258	97.306	85.512	85.375	59,29%
	Média	52.819	51.586	55.437	60.904	66.896	69.442	72.540	74.498	77.226	77.983	47,64%
	Grande	52.933	52.764	54.756	56.267	63.404	70.156	69.943	73.451	76.133	82.775	56,38%
	Total	244.118	250.459	260.629	282.641	326.159	343.511	360.003	383.227	340.986	342.453	40,28%
Empresas	Micro	16.840	17.316	18.182	18.815	23.306	23.371	25.108	26.950	19.224	18.633	10,65%
	Pequena	1.451	1.577	1.662	1.828	2.073	2.204	2.361	2.605	2.237	2.249	55,00%
	Média	257	244	262	289	311	331	349	355	368	378	47,08%
	Grande	54	52	55	51	58	66	64	67	68	77	42,59%
	Total	18.602	19.189	20.161	20.983	25.748	25.972	27.882	29.977	21.897	21.337	14,70%

Fonte: RAIS/TEM

O número médio de empregados por empresa teve aumento significativo para as Grandes que passaram de 979,24 para 1.074, enquanto que nas demais permaneceu estável, entre 2002 e 2011. Com relação à participação no emprego, as Micros reduziram de 34,73% para 28,13%, em favor dos demais tamanhos, ocorrendo o mesmo com relação à participação na quantidade de empresas, quando as Micros reduziram de 90,53% para 87,33%, entre 2002 e 2011.

Como considerações dessa seção, que contribuem para responder ao objetivo da análise sobre o emprego na indústria de alimentos e por grupos de alimentos industrializados, a partir da quantidade de empresas e de empregos, por tamanho de empresas, foi observado que o período de crescimento mais significativo ocorre entre 2002 e 2009, e nos dois últimos anos da série, 2010 e 2011, se verificou uma desaceleração, incluindo redução do número de empregos e empresas.

Outro aspecto que contribui para a análise, é que no total da indústria de alimentos houve crescimento no emprego para todos os tamanhos de empresa, assim como para a grande maioria dos grupos, com exceção dos grupos “Açúcar”, que reduziu o emprego nas Micros e Médias empresas, e “Café”, que reduziu nas Pequenas e Médias empresas.

O aumento do emprego, em geral, foi maior nas Grandes e Pequenas, e as que mais aumentaram sua participação no emprego, por grupo, foram as Grandes e Médias, dado pelo aumento da média de empregados por empresa. Isso pode sinalizar para um crescimento significativo, que ao longo do tempo,

tenha reclassificado empresas em níveis de tamanho acima dos que inicialmente estavam classificadas. Além disso, os movimentos de desconcentração regional podem indicar a necessidade de maior escala de produção para compensar maiores custos de transporte, ou ainda, para atender redes de distribuição (supermercados) que estejam mais próximas dos consumidores de produtos processados, que surgem a partir da melhora da distribuição e aumento de renda.

Com isso, levando em conta que esse trabalho analisa especificamente a indústria de alimentos e grupos de produtos que fazem parte dessa indústria, bem como a diferença do período de análise e momento econômico do país, esses dados que mostram melhores resultados para o emprego com o crescimento da quantidade de empresas maiores, não confirmam os resultados de Amorim *et al.* (2006). Esses deram maior importância para as empresas menores, micro e pequenas, e Corseuil, Moura e Ramos (2011) apontaram para uma tendência de redução na média de empregados por empresa.

Combinando com a análise por região, se por um lado se percebem movimentos de desconcentração regional das empresas, que crescem em número maior nas regiões Centro Oeste e Norte, por outro lado se percebe uma maior concentração do crescimento do emprego nas Grandes empresas. Dessa forma, o tamanho das empresas da indústria de alimentos no Brasil, e seus grupos de produtos alimentícios, também podem ser considerados como elemento que contribui para a explicação da dinâmica do emprego, no período 2002 - 2011.

5 CONCLUSÕES

Os resultados e as análises mostraram que, partindo do crescimento do estoque de emprego no total da indústria de alimentos de pouco mais de 887 mil, em 2002, para mais de 1,453 milhões, em 2011, ou seja, 63,84% empregados a mais, em 10 anos. Sobre esse crescimento do emprego, foi observado um período mais significativo entre 2002 e 2007, quando em alguns

grupos até 2008, e uma desaceleração desse crescimento ou até mesmo redução do número de empregos e empresas, em 2010, que segue até 2011.

A contribuição do comportamento regional, no número de empregos e empresas, para a dinâmica se deu na forma de crescimento diferenciado entre as regiões, chegando a alterar a posição na participação no total do emprego e/ou de empresas de cada uma, em alguns grupos (Conservas, Óleos, Laticínios e Açúcar), com tendência de maior desconcentração da produção de alimentos da região Sudeste, principalmente, em direção às regiões Centro Oeste e Norte.

Essa distribuição regional do emprego e do número de empresas, menos concentrada, contribui para a explicação da dinâmica do emprego, considerando as particularidades do comportamento do crescimento em cada região e as mudanças no perfil produtivo entre as regiões, no sentido de busca por maior produtividade e competitividade, tanto no mercado interno como nas exportações. Também, é uma maneira de se proteger em relação a fenômenos climáticos que, normalmente, ocorrem de forma diferenciada entre essas regiões, dada a amplitude territorial no Brasil.

Quanto à contribuição da análise do tamanho das empresas, foi observado que o período de crescimento mais significativo em número de empresas ocorreu entre 2002 e 2009, e nos dois últimos anos da série, 2010 e 2011, se verificou uma desaceleração, incluindo redução do número de empregos e empresas, principalmente, as Micros. Então, levando em conta o menor crescimento do emprego a partir de 2007 e 2008, e essa redução de Microempresas em 2010 e 2011, e Médias em 2011, se pode atribuir a essas, parte da responsabilidade pelo menor crescimento do emprego. Casos observados nos grupos “Açúcar”, que reduziu o emprego nas Micro e Médias empresas, e “Café”, que reduziu nas Pequenas e Médias empresas.

Em geral, o aumento do emprego foi maior nas Grandes e Pequenas, e as que mais aumentaram a média de empregados por empresa foram as Grandes e Médias, o que pode sinalizar para um crescimento no tamanho de todas as empresas, que ao longo do tempo, tenham se reclassificado em níveis de tamanho acima dos que inicialmente estavam classificadas. Porém,

certamente se percebe uma maior concentração do crescimento do emprego nas Grandes empresas.

Com isso, fica evidente a maior vulnerabilidade das Micros, que têm papel fundamental na produção da indústria de alimentos, e a necessidade de uma atenção especial, seja na forma de política industrial, seja na forma de assistência e acompanhamento dessas empresas, dando suporte e criando perspectivas de crescimento.

Além dos resultados encontrados que indicam a importância de cada um dos itens analisados, as principais contribuições desse estudo estiveram na abordagem que trouxe, ao mesmo tempo, a análise do tamanho das empresas e sua distribuição entre as regiões do Brasil. Implicou, ainda, na importância de uma análise dinâmica que leve em consideração a evolução do comportamento dos indicadores ao longo do tempo.

Nesse estudo as limitações principais estiveram ligadas, principalmente, às relacionadas à análise dos efeitos da conjuntura macroeconômica, da sazonalidade da produção agrícola, das políticas públicas, das relações de trabalho, além da análise de outras variáveis como a produtividade na indústria, das fusões e aquisições, e da inovação tecnológica.

REFERÊNCIAS

ALVES, T. W.; CAMPREGHER, G. A. Dinâmica do emprego no Brasil de 1995 a 2005. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 36., 2008, Salvador. **Anais...** Salvador: ANPEC - Associação Nacional dos Centros de Pós Graduação em Economia, 2008. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2008/artigos/200807191154410-.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2012.

AMORIM, B. M. F. et al. . Resultados para outros países e análise das medidas para o Brasil: agregadas por tamanho e região. In: CORSEUIL, C. H.; SERVO, L. M. (Org.). **Criação, destruição e realocação de empregos no Brasil**. Brasília: IPEA, 2006. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Capitulo3_resultados.pdf>. Acesso em: 15 set. 2012.

AMORIM, B. M. F. et al. Criação, destruição e realocação de postos de trabalho por setores. In: CORSEUIL, C. H.; SERVO, L. M. (Org.). **Criação, destruição e realocação de empregos no Brasil**. Brasília: IPEA, 2006. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Capitulo4_postosdetrabalhos.pdf>. Acesso em: 15 set. 2012.

ARAÚJO, N. C. M. Origens e evolução espacial da indústria de alimentos do Rio Grande do Sul. In: ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 1., 2002, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUC/FACE, 2002. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/download/eeg/1/mesa_10_araujo.pdf>. Acesso em: 15 set. 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DA ALIMENTAÇÃO (ABIA), 2012. Disponível em: <<http://www.abia.org.br/anexos/FichaTecnica.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

BACELAR de ARAÚJO, T. O voto do Nordeste: para além do preconceito. **Carta Maior**, São Paulo, 16 out. 2010. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17065>. Acesso em: 10 mar. 2013.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Programa de Disseminação de Estatísticas do Trabalho – TEM**, 2012. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/pdet/index.asp>>. Acesso em: 16 out. 2012.

CORSEUIL, C. H.; RIBEIRO, E. P.; SANTOS, D. D. Teorias sobre realocação, dinâmica do emprego e análise do caso brasileiro. Resultados para outros países e análise das medidas para o Brasil: agregadas por tamanho e região. In: CORSEUIL, C. H.; SERVO, L. M. (Org.). **Criação, destruição e realocação de empregos no Brasil**. Brasília: IPEA, 2006. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Capitulo5_teorias.pdf>. Acesso em: 15 set. 2012.

CORSEUIL, C. H.; MOURA, R. L.; RAMOS, L. Determinantes da expansão do emprego formal: o que explica o aumento do tamanho médio dos estabelecimentos? **Economia Aplicada**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 1, p. 45-63, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ecoa/v15n1/a03v15n1.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2012.

DAVIS, S. J.; HALTIWANGER, J. Gross job creation and destruction: micro-economic evidence and macroeconomic implications. In: BLANCHARD, O.; FISCHER, S. (Ed.). **NBER Macroeconomics Annual 1990**. Cambridge: University Press, 1990. Disponível em: <<http://www.nber.org/chapters/c10974.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2012.

OLIVEIRA, T.; PRONI, M. W. Grande empresa industrial, reestruturação produtiva e a dinâmica recente do emprego formal no Brasil. **Revista Gestão Industrial**, Ponta Grossa, v. 3, n. 3, p. 98-127, 2007. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/pg/index.php/revistagi/article/view/58/55>>. Acesso em: 18 out. 2012.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS.
Critérios de classificação de empresas: EI - ME – EPP. 2006. Disponível em: <<http://www.sebrae-sc.com.br/leis/default.asp?vcdtexto=4154>>. Acesso em: 14 out. 2012.